

MINORIAS JUVENIS E LUTA POR ESPAÇO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Auríbio Farias Conceição (UEPB)

Inicialmente, como o objeto de análise está no campo da Literatura, acho prudente destacar especificidades da produção do escritor, que dizem de seu projeto estético, e do papel do escritor na contemporaneidade. Marcelino Freire sempre aborda temas desveladores da diversidade na cidade contemporânea. Tem dado voz a personagens tidos como de menor importância, uma vez que periféricos. Procura usar uma linguagem sintética, sonora, assemelhada a textos que surgem para serem declamados, tão em voga na contemporaneidade como as letras das canções do hip hop. Consoante com isso, os temas costurados por seus personagens, dizem de um tempo de convivência com o diferente, que assim quer ser visto, no entanto não quer ser tratado com diferença nem com indiferença. Por essas razões, não seria temerário afirmar que a linguagem flecha, faca, lâmina que corta e expõe as vísceras e a temática, dizem de uma escrita comprometida com a criação de uma realidade atestada, que quer registrar para a memória, para que o presente não se perca. Todavia busca convivência, e não, maniqueísmos. Essa escrita diz também de um espaço político de luta, que parece ser percebido como aquele que, conforme SAID (2007, p. 147-174) torna possível o escritor exercer seu papel na sociedade.

O conto escolhido narra o episódio em que um menino está nas ruas há vários anos. Subtende-se que ele tornou-se adolescente perambulando pela cidade. Como todos nessa situação, cheirando cola, sem sapatos, amolando as pessoas nos sinais, esmolando todo dia. Neste episódio, o garoto de nome J.C.J., dirige-se a uma mulher, ao volante de um carro que para no cruzamento, em virtude do sinal está fechado para ela. Ela então abre o vidro para dizer um palavrão (o texto literário não cita o que diz a mulher). O narrador cede a vez ao leitor, com a seguinte frase: espaço para sugestão... (FREIRE, 2005, P. 123), deixando três linhas pontilhadas para que o leitor preencha as lacunas, como sugerem os teóricos da recepção.

O garoto é agressivo com as palavras: “Quero moeda, mocreia” (p.123).

Ela disse que não tinha, e, conforme o narrador, ela “mostra uma cara, gorda cara, e uma língua pastosa que não sabe quanto custa cuspir na cara de alguém”. “Mesmo alguém assim desalguém” (p.123).

Nesse momento então usa uma imagem forte. Ele relata que a mulher ladra: “Não vem, nem vem, não vem”. “Que não tem, não tem, não tem”.

Trago essas informações iniciais para aproximar o ouvinte de algumas modestas considerações. A primeira está relacionada à cidadania semiótica. O personagem que dá título ao conto J.C.J., é um garoto de rua. À medida que a literatura dá voz a esse personagem, desvela a cidade contemporânea como espaço de exclusão, aproxima o brasileiro do Brasil, uma vez que a mesmice dos produtos globalizados aliena e distancia os cidadãos de seus problemas e do seu cotidiano. Haja vista a pequena quantidade de personagens negros, ou pertencentes a algumas minorias, ocuparem a posição de protagonistas nas novelas e nas minisséries, e em programas televisivos de modo geral. Marcelino Freire, neste conto especificamente, mas também ao longo da sua obra recria o espaço cidadão a partir de uma perspectiva que articula tempo histórico, espaço e homem, enquanto categorias ficcionais que abrigam a especificidade de uma contemporaneidade marcada por um isolacionismo que não cumpriu o ideal civilizador de um sistema de igualdade para todos os sujeitos históricos.

Como já havia predito Walter Benjamin (2008) em suas teses sobre a história, a linearidade do progresso no contexto industrial do capital, elimina as vozes das minorias fazendo valer o discurso hegemônico dos vencedores. A experiência que cede a vivência do choque no espaço-temporal da modernidade, identificada por esse teórico na poesia de Baudelaire, é a mesma que encontramos nas obras de Marcelino. O esfacelamento da experiência capturado nas vozes das minorias nos conduz a uma reflexão de uma alegoria moderna no corpus em estudo. Marcelino recria o que Walter Benjamin chama de Imagem dialética. Conforme WilliBolle (REVISTA TEMPO BRASILEIRO,1998), diferentemente do historicismo – que fazia questão de esquecer o presente, a fim de mergulhar inteiramente no passado – a construção benjaminiana da história se faz a partir do presente. Um presente político. Para Benjamin o projeto da modernidade ficou inacabado, não cumprido, dá continuidade a uma falha: a incapacidade de corrigir a discrepância entre o admirável progresso da técnica, e o subdesenvolvimento na qualidade das relações entre as classes sociais e os povos. Benjamin teve sensibilidade para os fenômenos marginais e os aspectos de

malogro da modernidade. Podemos concordar com Bolle, no sentido de que Benjamin é um representante do pensamento da periferia.

Em outras palavras, a categoria chamada imagem dialética, trata-se de um conceito que salva das ruínas alegóricas as vozes recalcadas por um processo historicista excludente. Se o narrador tradicional está morto, se as experiências não são mais transmitidas de pai para filho porque o tempo se põe implacável e devorador, resta-nos ouvir o narrador contemporâneo que resgata das ruínas históricas o que ficou ainda por contar, ou seja, as vivências de choque de uma experiência já há muito perdida.

No texto selecionado, o caráter dialógico do espaço-tempo, expondo as forças sociais em jogo, libera do claustro as vozes marginalizadas dos becos e das ruelas que a cidade, com seus grandes monumentos históricos, esconde. Como nos diz Benjamin, não há nenhum monumento histórico que não tenha sido realizado via barbárie. É importante focalizar esse aspecto, uma vez que, não só nesse conto, mas praticamente em toda sua obra, personagens historicamente periféricos ocupam o centro de sua escrita. Seriam tais personagens sobreviventes de barbáries na condição de representantes de culturas subalternas?

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERSONAGEM J.C.J.

Diante desse personagem, pertencente a uma minoria bastante conhecida nas grandes cidades, inúmeros relatos e pesquisas apontam para o seguinte questionamento: quem é esse menino de rua? As respostas são tão diversas quantas são as pesquisas e quantos são esses garotos. No entanto fazendo um percurso dedutivo e buscando aproximação com o personagem do conto, não podemos negar que a cultura ocidental é logocêntrica, ou seja, o conhecimento, a lógica, a ciência ocupa o centro de nossa cultura, e conforme Luiz Costa Lima (1973,p.18) no aspecto social o logocentrismo equivale ao antropocentrismo.

Como desdobramento disso poderíamos dizer que somos também adultocêntricos. E como bem mostra SILVA (2011) se as juventudes são várias conforme vários autores, os meninos de rua estariam na base piramidal. Para ocupar espaço, na cidade contemporânea, têm que enfrentar vários entraves, pular vários muros, furar muitas cercas. Do ter que corresponder a uma imagem pré-estabelecida antes de seu nascimento até ter que fugir à perseguição daqueles (e não são poucos, conforme algumas pesquisas) que acham o

extermínio ser a única saída para a solução desse problema social. Por outro lado, a exclusão que os coloca na rua, o que para eles não é um problema, mas uma solução, uma vez que a veem como uma grande selva, da qual precisam sobreviver, esmolando ou caçando pelo menos um relógio por dia. Isso os leva à violência e essa violência os exclui mais ainda. A narrativa, no entanto, não usa de clichê, ou de vitimização do excluído, ou de panfletarismo ideológico. Esse alguém assim, fininho, alguém desalguém, é também o que diz: “vou furar, velhosa, teu miolo”. Não vamos por hora nos deter no estudo dessa categoria, mas de acordo com a narrativa, ressaltar a complexidade da cidade contemporânea, de acordo com alguns pensadores, no intuito de observar de diversas óticas como se relacionam grupos sociais em busca de espaço nas sociedades complexas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE CONTEMPORÂNEA

Quando falamos em cidade contemporânea pensamos nos sujeitos e nos grupos sociais que formam a cidade. Orlandi (2004) destaca que o corpo social e o corpo urbano formam um só. O destino do corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade.

Ana Cláudia Giassone, em *A poética das cidades* (1999, p. 29), citando Max Weber, comenta a idéia de cidade-fortaleza, uma das mais antigas, que tinha o objetivo de proteger as pessoas de inimigos através de muralhas, fossos, portões e sentinelas. Tudo isso representava segurança contra qualquer tipo de ameaça externa. Estar dentro dela significava proteção. Zygmunt Bauman em *Tempos Líquidos* (2007) citando NanEllin corrobora a idéia acima ao afirmar que “Muralhas, fossos e paliçadas assinalavam a divisa entre “nós” e “eles”, ordem e selvageria, paz e guerra: inimigos eram aqueles deixados do outro lado da cerca e que não tinham permissão de atravessá-la” (p.77) e conclui que nos últimos cento e poucos anos a cidade tem sido associada “mais ao perigo que à proteção”.

A cidade não se protege mais contra um inimigo externo, mas suas construções vão se formando buscando proteger-se do inimigo que está dentro e é invisível. Conforme Giassone

Sem as barreiras da cidade-fortaleza, a cidade se vê agora desprovida de armas para lutar contra os grupos sociais indesejáveis – vagabundos, ladrões,

mendigos, sediciosos e miseráveis – e contra a violência crescente que se instala entre seus membros (1999, p. 30).

Em *Tempos líquidos* (2007) Bauman observa que o medo e a insegurança na cidade contemporânea são os responsáveis por uma arquitetura urbana que se equivale aos muros e fossos das cidades antigas: são os condomínios que se cercam “fora” da vida da cidade e formam o “gueto voluntário” dentro de um oásis de paz. O “gueto voluntário” dos ricos e poderosos, pela cerca, é separado dos inúmeros guetos involuntários dos pobres e excluídos. “Mas em vez de defender a cidade e todos os seus habitantes contra o inimigo externo, são erigidos para separar os vários tipos de habitantes urbanos e mantê-los distantes entre si” (p. 84). O isolamento espacial já coloca os guetos na condição de adversários.

Do ponto de vista do “gueto voluntário” apenas o espaço do confinamento se apresenta como o lugar confiável, perfeito, seguro. Ali não se espera a incerteza e insegurança que se observa no lado de fora, na “rua”. Desta forma a “rua” se torna espaço de trânsito dos desterritorializados. E a arquitetura urbana contribui para que fiquem marcados os espaços da segregação, que, por conseguinte se tornam espaços de menos tolerância à diferença “fazendo a vida urbana parecer mais ‘sujeita a risco’ e, portanto, mais angustiante, em vez de mais segura e, desse modo, mais agradável e fácil de levar” (p. 97). Pois o espaço de habitação dos guetos involuntários, prossegue Bauman, é aquele aonde os integrantes do “gueto voluntário” não vão. Decorre, por sua vez, que a área onde estão confinados os integrantes dos guetos involuntários se apresenta como aquela da qual estão impossibilitados de sair. No entanto tal confinamento não se dá por uma “cerca” arquitetônica, mas pelo fato de serem excluídos de outras.

AINDA OUTRA CERCA – A MIXOFOBIA

Conforme Silva (2011), em pesquisa feita com grafiteiros na cidade de Recife, ir e vir, circular pela cidade é visto como um espaço de aprendizagem. É um direito que têm, no entanto denunciam que os carros invadem as ruas, tirando-lhes o espaço para andar a pé ou de bicicleta, além de perceberem que toda a organização da cidade privilegia o traslado de carro e uma receptividade para turistas. As dificuldades encontradas para transitar, devido a políticas de desigualdade, podem condená-los a ficarem restritos a suas comunidades,

ratificando os guetos. Mesmo formando redes, andando em pares, aprendendo nas ruas uns com os outros a arte do grafite, esses jovens da pesquisa, denunciam a existência de muros que têm que escalar para conquistar o direito de transitar e sair da invisibilidade. Acredito que a citada pesquisa lança luz sobre o contexto vivenciado pelos meninos, semiotizados no personagem J.C.J.

Considero forte, e por isso volto a essas duas imagens:

“Quero moeda, mocreia” – diz J.C.J. Sem piedade exposta (p. 123).

A mulher mostra uma cara gorda e uma língua pastosa que não sabe quanto custa cuspir na cara de alguém. Este parece ser o impacto que sente o garoto pela atitude da mulher, parece pertencer a uma classe média, tem carro novo, embora não seja do ano, come bem, veste-se bem, etc.

A imagem da mulher que ladra: “Não vem, nem vem, não vem”. “Que não tem, não tem, não tem” (p.124). Aqui a narrativa se vale da sonoridade e do ritmo, usando o verbo ladrar, em uma situação em que o ladrar visa a afastar o ladrão. No entanto ele ainda não havia roubado e na verdade ele não rouba: ele se sente diante de uma “cadela latindo” e a ataca com um caco de vidro. “J.C.J. quem criou aquele monstro?” (p.125).

Conforme Bauman(2009), essa mixofobia (medo de misturar-se) não passa da difusa e muito previsível reação à impressionante e exasperadora variedade de tipos humanos e de estilos de vida que se podem encontrar nas ruas das cidades contemporâneas e mesmo na mais comum das zonas residenciais. À medida que crescem as culturas plurais e multiformes nas zonas urbanas, as tensões surgidas por essas “estrangeiridades” tende a crescer também a segregação. Uma saída seria atribuir a cada forma de vida em particular um espaço físico separado, inclusivo e exclusivo ao mesmo tempo, bem delimitado e defendido. Outra menos radical seria juntar os amigos, parentese outros como “nós” em um território isolado das demais áreas urbanas, com suas misturas e diversidade. A mixofobia caminha para ilhas de identidade e semelhança.

Conforme Richard Sennet,(apudBalmam, 2009)quanto mais se permanece em uma comunidade de iguais, em um ambiente uniforme, mais se torna difícil a negociação de significados e um *modus convivendi*.

Em uma comunidade de iguais, com relações superficiais, sem risco de mal-entendidos, sem enfrentar a amolação de ter de traduzir em mundo de significados em outro é provável

que se desaprenda a conviver socialmente. Mas a cidade também é bastante atrativa em sua variedade pela grande quantidade de oportunidades adequadas a cada gosto e a cada competência. Então mixofobia e mixofilia coexistem em cada cidade e também em cada cidadão. A escalada imobiliária nos moldes mixofóbicos, ao invés de dar mais segurança, acentua a segregação e o distanciamento entre os cidadãos e os espaços de convivência. Os bairros se tornariam cada vez mais uniformes, reduzir-se-iam as casas comerciais e a comunicação entre um bairro e outro, além de acabar com a memória arquitetônica da cidade.

Uma contribuição que poderiam dar os planejadores urbanos e arquitetos para o cultivo da mixofilia seria a difusão de espaços públicos abertos, convidativos, acolhedores que todo cidadão, (entendendo-se este como homens, mulheres, adolescentes, crianças) teria vontade de frequentar assiduamente e compartilhar de bom grado.

Conforme Gadamer (apud Bauman, 2009, p.50) em *Verdade e método*, “a compreensão recíproca é obtida com uma fusão de horizontes”. Logo, experiência compartilhada só é possível em espaços compartilhados.

Essas considerações até aqui, não respondem, nem era esse o objetivo. Mas talvez nos ajudem a continuar pensando que espaço de convivência se pode vislumbrar para esses meninos de rua, como também continuar refletindo sobre a pergunta da mulher: “J.C.J., quem criou aquele monstro?” (p. 125).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, 2008.

CASTRO, Lúcia Rabelo. *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*. Fotografia Carolina Lampreia. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

COSTA, Lima. *Estruturalismo e teoria da literatura*. Vozes: 1973.

FRÚGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005..

LOBO, Luiza; FARIA, Márcia Gonçalves S. (orgs). *A poética das cidades*. Rio de Janeiro:Relume-Dumará, 1999.

ORLANDI, Eni P.*Cidade dos sentidos* Campinas: Pontes, 2004.

REVISTA TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda. N. 132, p. 75-94, jan. - mar., 1998.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Lúcia Helena Ramos da.*Os sentidos de apropriação da cidade por jovens grafiteiros/as. 2011*.Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.